



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico *Batalha* - Lisboa • Telefone: 5339
Oficinas de impressão - Rua da Alfaia, 114 e 116

A baixa de salários

Tem-se falado últimamente com grande insistência na desida do custo da vida. Tem-se falado apenas. O custo da vida, de facto, ainda não baixou. Se alguma diferença imperceptível existe em alguns gêneros, outros há que sobem, que continuam a subir. As hortaliças, por exemplo, tem alcançado nestes últimos dias preços irritantemente altos. Os gêneros de mercearia mantêm-se, e se algum desceu um tostão ou dois, perde-se esse benefício nos gastos gerais que um lar comporta. Falemos com uma dona de casa e ela não dirá que a fia da semana encontra o mesmo déficit de sempre, apesar de grande número de estabelecimentos ostentarem nas mostras, a grandes letras, garrafais, anúncios de redução extraordinária em todos os preços.

As casas do pasto, os restaurantes mantêm os seus preços atormentados.

Casas há que sem ter feito a menor redução nos preços dos artigos, anunciam 50% mais barato e o povo desfaz-se-se no engodo comprando por preços que nunca foram reduzidos.

A baixa do custo da vida é ainda uma deliciosa mentira e já vai produzindo alguns nefastos resultados.

Se a alta do custo da vida produziu misérias e desgostos, agitação e luta, porque ela transformaria por completo a vida normal dos povos, a baixa de preços há de originar, já está originando, dissabores e novas lutas. A alta trouxe como consequência a greve desesperada por aumento de salário; a baixa trará a greve para manter um salário equitativo. O mal económico é essencialmente o mesmo: a disparidade entre o que o patronato recebe do operário, em trabalho, e o que lhe quer dar em dinheiro. O capitalista vive da diferença entre o valor real do trabalho e a importância que entrega ao trabalhador, que é ao mesmo tempo o consumidor.

O aumento de produção, num regime imperfeito de troca como éste em que vivemos, causa a desvalorização do produto, embaratecendo-o, e a desvalorização da mão de obra, dando origem a crises de trabalho.

Portanto se a falta de produção espalha a fome entre os trabalhadores e consumidores, a abundância, produzindo as crises de trabalho, porque o operário não tendo trabalho não ganha e quando ganha não consegue o suficiente para satisfazer as suas mais insinantes necessidades, origina da mesma forma misérias e desgraças.

Quer haja alta quer haja baixa, o trabalhador sofre sempre, a sua condição é sempre miserável, porque o mal não reside no custo da vida mas sim na organização da produção e do consumo, que obedece ao regime imoral da propriedade privada.

Mal feridos ainda dos males originais da sua falta de produção e alta de preços vamo-nos ver a braços com a abundância de produção e por consequência, com a diminuição de salários e falta de trabalho que já nos vai batendo à porta.

Portanto, se nunca nos regosijamos com a subida dos preços também não podemos iludir-nos com a desida. Devemos estar alerta, prontos a defender os salários actuais, impedindo por todas as formas que elas sejam reduzidas.

C. G. T.

Conselho Confederal

Para se ocupar dos assuntos pendentes da sessão anterior, reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

A questão da Alta Silesia

Em Beuthen foi proclamado o estado de sítio

BERLIM, 7.—Agravou-se a situação de Beuthen, onde foi proclamado um rigoroso estado de sítio, e onde os franceses se apoderaram de novos reis.

As comunicações com a cidade estão extraordinariamente dificultadas, porque vários combóios são assaltados e saqueados pelos insurretos polacos.

Rádio.

Em Espanha

Suspende-se os pagamentos numa mina

OVIEDO, 7.—Por dificuldades económicas, foram suspensos os pagamentos na mina Santa. Rádio.

Grande incêndio numa herda

GRANADA, 7.—Um grande incêndio destruiu uma herda, causando enormes desgraças. Rádio.

Prisão dum anarquista e de sua companheira

BARCELONA, 7.—Foi preso o anarquista Vandellós que dirigia um grupo de sindicalistas que fabricavam bombas. A companheira de Vandellós foi também presa, tendo sido encontrada em casa dela várias bombas. Rádio.

Na capital do Peru

LONDRES, 7.—Um incêndio, que se supõe ter sido causado por uma bomba, destruiu uma aula do palácio do governo em Lima, tendo-se perdido muitos e importantes documentos.

Rádio.

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NOTAS & COMENTÁRIOS

Paixão de farça

Só num país de caricatura, onde os homens são bonecos articulados e as instituições espantais de cartão; só numa república de farça, onde as grandes resoluções morrem nos bastidores de paninho e os monumentos são cenário ilusório; só num país de blague, onde os camões não se cultuam e as cidades são arremedos risíveis de civilização, o povo, que é manso e vidente ruloso como o povo das peças históricas, admite que Lisboa não tenha água para apagar incêndios, nem mesmo uma gota para coser o bacalhau.

A urnas, povo de Coimbra!

Chegou ontem à nossa redação *O Jornal de Coimbra*. Espiava eleições por todos os lados, chama o povo às urnas em berros alucinados, que nos fizeram sorrir. Nós gosamos muito de ver os gestos desorientados da propaganda eleitoral. E' um divertimento impagável. *O Jornal* desceu ontem momentos de inutilidade prazer. *O Jornal* quer que o povo vote nos liberais e o povo é capaz de votar, embora o mesmo jornal

O Jornal lhe diga que a vida está a baixas e que os salários miseráveis, que mal chegam para enganar o estômago à família, devem ser reduzidos. A's urnas pela baixa de salários! Votai para vosso misério, ó bom povo de Coimbra!

Um bom conselho

Sobre a nossa banca de trabalho caiu, de chôrre, um documento útil e curioso. Nesse documento, assinado por Angelo da Silva, sólido apelo aos operários da Construção Civil para não erguer novamente a igreja de São Mamede.

Aqui fica o apelo, que perfillamos, apesar da dificuldade em o seguir. «Ergue uma igreja quando há seres humanos que dormem na sua cama, mas as classes aqui reunidas resolvem sobre a melhor fórmula de ação. A singeleza que seduz, o amor pelas causas simples que nos sensibiliza, a nós, operários; a evocação das velas brancas dos morhos que, no alto da serra, cantam as medulas embaladoras que o vento ensina; tudo o que a sua pena de artista nos faz entender, como um sonho belo, como um ideal sublime de paz e trabalho a realizar, tudo isso tem é o nosso coração de revolucionários. E é—acredite—porque o materialismo baixa da sociedade capitalista se ergue ante os nossos ideais de simplicidade e de amor, que nós somos revolucionários, que, desejamos lançar por terra as actuais instituições, baseadas no roubo legal e na ignorância onde nos forçam a permanecer, para restituir à vida essa serva pura de ingenuidade e de singeleza que V. Ex.º pressente.

A intervenção da C. P. Ialui — exclama o orador—e os industriais procuram neste momento salvar-se da melhor maneira, mas as classes aqui reunidas resolvem sobre a melhor fórmula de ação. A singeleza que seduz, o amor pelas causas simples que nos sensibiliza, a nós, operários; a evocação das velas brancas dos morhos que, no alto da serra, cantam as medulas embaladoras que o vento ensina; tudo o que a sua pena de artista nos faz entender, como um sonho belo, como um ideal sublime de paz e trabalho a realizar, tudo isso tem é o nosso coração de revolucionários. E é—acredite—porque o materialismo baixa da sociedade capitalista se ergue ante os nossos ideais de simplicidade e de amor, que nós somos revolucionários, que, desejamos lançar por terra as actuais instituições, baseadas no roubo legal e na ignorância onde nos forçam a permanecer, para restituir à vida essa serva pura de ingenuidade e de singeleza que V. Ex.º pressente.

Lida a nota do Comitê, faz uso da palavra o camarada Medeiros, que diz devem os operários retomar o trabalho só depois de traírem com os industriais e nunca por intermédio da C. P.

Delfim Silva, vibrando de entusiasmo, pôe em relevo a grandeza do momento. Os operários, atirados à ruas sem a menor consideração, não podem nem devem retomar o trabalho sem que lhes seja dada uma justíssima compensação. A nota da C. P., publicada na *Imprensa da Manhã*, procura apenas mascarar a derrota que a abstracção identidade acaba de sofrer, pois se o «lock-out» começa a escancarar-se, é porque, evidentemente, se torna impossível mantê-lo por mais tempo. Relata o trabalho nas mesmas condições era, além disso, prova de fraude, um verdadeiro crime cometido contra aqueles que tem sido tam prejudicados a reunião. A assembleia vai resolvê-lo, e, espera o orador, de forma que, mais uma vez, os graficos se possam organizar da sua conduta.

Gonçalves diz que as classes devem

CLASSES GRÁFICAS

Mais de vinte industriais mandaram já chamar o seu pessoal, rompendo assim o «lock-out». Importantes resoluções da reunião dos gráficos ontem realizada

Muito embora a Patronal diga que só mais casas foram autorizadas a reabrir as suas portas, o certo é que mais de vinte industriais mandaram chamar o seu pessoal, o que prova que a intervenção da famosa C. P. falou e, assim, quasi todos os industriais, segundo as informações que temos, se preparam para não serem os últimos a abrirem as portas das oficinas. Como se vê, e grácas à tenacidade das classes em luta, a quixotica C. P. acaba de sofrer um tremendo cheque, do qual bom será que não só os operários como os próprios industriais aproveitem. Os operários, atirados na sua maioria para a rua bem contra vontade, exigem neste momento, e com muita razão, que os indenizem dos prejuízos causados, olhando a que se não fosse a imprestável intervenção da C. P., o conflito não teria assumido as proporções que atingiu.

Quos operários saíram, pois, manter-se como até aqui, — e tudo indica que assim farão, das afrontas feitas, a reunião de ontem, — porque da sua atitude energica e tenaz depende o resultado do conflito com tanto sacrificio sustentado.

António Graca manda para a mesa uma moção com as seguintes conclusões:

A assembleia geral das classes em luta resolve:

1.º Que o pessoal dessas 12 casas não retome o trabalho sem que os proprietários das mesmas comunique à comissão os termos.

2.º Que nenhum gráfico transponha a porta da oficina sem que, entre a comissão e o industrial, seja firmado um acordo;

3.º Que para se entrar nos ofícios se torna necessário, em primeiro lugar, que sejam pagos indenizações tanto quanto for devido, ou «lock-out» ou entrar imediatamente em negociações;

4.º Que a assinar-se acordo com os industriais, os operários não sejam obrigados a executar trabalhos que pertençam às oficinas ainda encerradas;

5.º Que os considerados traidores as classes todos aqueles que não aceitem as conclusões desta moção.

Posta a votação a moção, foi ela aprovada por unanimidade. Adriano de Oliveira manda para a mesa a seguinte proposta, que é aprovada por aclamação:

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela considerar que isso concorreria para a desmoronização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graca, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos aplausos.

Proponho: 1.º que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camionistas que dormem nas oficinas, assoalhadas com poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho a abandoná-lo novamente. 2.º que os camaradas que tem estado a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por ela consider

O SR. VEREADOR

Mais outra interrupção

O sr. Henrique Martins Vagueiro quer, por força, meter-se na boca do lobo

Anteontem, à noite, depois do artigo que ontem publicámos já estar composto e pronto a entrar na página, recebemos outra carta do sr. Henrique Martins Vagueiro, que não publicámos no nosso editorial de ontem, não só porque tarde chegara às nossas mãos, como pelo facto conhecido da falta de espaço com que lutamos constantemente.

O sr. Henrique Martins Vagueiro qu' novamente que prosa sua viesse estampada nas colunas da *Batalha*. Esse carta não é tam longa como a que anteriormente publicámos mas tem a qualidade de ser mais óca, mais vasta, não rebatendo uma única das afirmações que a respeito do sr. Sousa Neves e da já célebre comandita fizemos nestes últimos dias.

Portanto desde que as cartas não contenham um único argumento de valor e se limitam a massar o leitor com prosa, prosa e nada mais, cremos desnecessária a sua publicação.

Entretanto, para confirmarmos perante o público a vacuidade da referida carta, publicámos-a hoje e declarámos, desde já, que não publicámos mais documento algum que, em vez de esclarecer ou refutar as nossas afirmações concretas, se limite apenas a querer atordiar o leitor com palavras.

Outra carta extemporânea do sr. Henrique Martins Vagueiro

Vamos pois satisfazer o desejo do sr. Henrique Martins Vagueiro, publicando uma carta sua:

Presas camaradas da *Batalha*. — Enviamos extemporâneas, mas por dever de lealdade, intercalada e sucedida de vários comentários, uma das quais, à guisa de conselho, se dizia que devia esperar que se concordasse as acusações que a *Batalha* vinha fazendo, e depois respeitar a opinião dos leitores, de ser agradável ao autor dos citados comentários, não só para formar de referida carta, como por não desejar provocar o sono com a minha massuda, semelhante e despeitada prosa, com a qual, anteriormente, o mesmo provocou aos leitores da *Batalha*.

Adem de esclarecer, porém, o autor dos citados comentários, peço a fineza de me publicarem esta carta, para que toda a gente que tenha a coragem de a ler, ate ao final, e assim, por sua vez, se deixe, possa, ao acordar, saber que não é só eu que aí se encontra, mas que também os amigos comentários, não só para formar de referida carta, como por não desejar provocar o sono com a minha massuda, semelhante e despeitada prosa, com a qual, anteriormente, o mesmo provocou aos leitores da *Batalha*.

Campanhas moralizadoras, de intuições absolutamente honestas nunca são extemporâneas. Diz o sr. Vagueiro que o engenheiro sr. Marreca Ferreira estimava que esta campanha se fazia. A culpa não é nossa — é do sr. Vagueiro, dos comanditários visados e do sr. Sousa Neves. Se não tivessem cometido as irregularidades que cometem, já não teríamos que erguer o nosso protesto nem o sr. Marreca Ferreira se regosaria.

O sr. Vagueiro, péssimo defensor, confirma a proteção dispensada por Sousa Neves à comandita visada

Vá lá mais um pedaço:

Sobre a afirmação de que Sousa Neves não protege quando estamos no Parque, devo declarar que, mantendo, em absoluto, o direito de que, quando estivermos no Parque, os mesmos entendemos a proteção.

E foi para lhe dizeros a opinião que lhe demos, que Sousa Neves nos protegeu com um desinteresse que já nem esquecemos.

Neste período se verifica e confirma a proteção do sr. Sousa Neves dispensada à comandita. Também se fazem acusações contra o sr. Marreca Ferreira e como não somos defensores deste senhor nem tam pouco o conhecemos, aliás se fizemos para que ele se defendesse, se quizer.

O sr. Vagueiro preferia que nos nos calássemos, para que certos indivíduos não batessem palmas...

Não foi, pois, para sacudir a água do meu copo antes de tempo, como afirmou o comentador da minha carta, que eu a escrevi, e sim para desfazer algumas confusões que com a minha carta a que se referei, para mim, não podia deixar de dizer, acusação em que me vi envolvido, como comanditário que fui, do Parque Eduardo VII.

Instituto de Seguros Sociais

No dia 20 de Junho de 1920, o Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais, que presidiu o dr. José Luis Ribeiro, aprovou-se o relatório, e contas da gerência 1918-1920, que não se presentes aos conselhos Superiores de Finanças e Fiscal. Aprovou-se o artigo principal relatório da manutenção das obrigações do conceito da Guarda, que se considera concordado, pois a sua caixa econômica, que representa um alto benefício do exercício do seguro obrigatório, contribuiu com dez contos para o corre de seguros de doença e invalidez, seguros industriais, etc. Francisco Gato, apresentou os meios estatutários do exército da sociedade, que se verifica no capitulo seguros, no Fim do 10º, atingem a totalidade de 2.600.000\$00. O ramo vida, oferece também resultados muito bons, com 500.000\$00, das sociedades portuguesas, atingiram 17.463.500\$00, muito superior ao excedente das suas caixas estrangeiras, que é de 15.000.000\$00.

O Conselho ocupou-se por fim do plano de construção da colônia agrícola da Alvor Fossos, destinado a pupilos de assistência, sendo apresentado pelo dr. sr. Augusto Barreto os projectos de construção a fazer na mesma colônia, regime de água, etc.

Uma agressão

Veio da parte do sr. Garcia, empregado da agência *Kauai*, Antônio dos Santos, que entrou no agredido a um dos diretores daquela agência, sr. Garcia, agredindo um grande ferimento na cabeça.

A propósito do facto contou-nos que no dia do passado mês todos os empregados da agência foram ordenados, pois que só nesse dia (19) dia, dia de São João, aquele diretor que respondeu-lhe a agressão, seu colega que estava de férias, de Lisboa. Ontem, às 11 horas, o sr. Garcia, que não deu a menor resposta, disse que deu a pouca a dor. Entretanto, um outono, que levava Antonio dos Santos, uma das mãos, que este se negou, sem uma resolução, a responder sobre o que prometia. Ele esse que ergueu os verberes, replicando o sr. Garcia, que só deu a dor quando me pagasse o que devia.

Outro momento o sr. Garcia, ergueu-me também os verberes, ao que o sr. Garcia respondeu que devia a formação contudo o sr. Garcia desculpou-se, bêngendo na cabeça, ferindo-o brutalmente, pelo que leve de si curar-se ao hospital de São José.

Agredido com uma facada

No dia 19 de Junho de 1920, o Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais, que presidiu o dr. José Luis Ribeiro, aprovou-se o relatório, e contas da gerência 1918-1920, que não se presentes aos conselhos Superiores de Finanças e Fiscal. Aprovou-se o artigo principal relatório da manutenção das obrigações do conceito da Guarda, que se considera concordado, pois a sua caixa econômica, que representa um alto benefício do exercício do seguro obrigatório, contribuiu com dez contos para o corre de seguros de doença e invalidez, seguros industriais, etc. Francisco Gato, apresentou os meios estatutários do exército da sociedade, que se verifica no capitulo seguros, no Fim do 10º, atingem a totalidade de 2.600.000\$00. O ramo vida, oferece também resultados muito bons, com 500.000\$00, das sociedades portuguesas, atingiram 17.463.500\$00, muito superior ao excedente das suas caixas estrangeiras, que é de 15.000.000\$00.

O Conselho ocupou-se por fim do plano de construção da colônia agrícola da Alvor Fossos, destinado a pupilos de assistência, sendo apresentado pelo dr. sr. Augusto Barreto os projectos de construção a fazer na mesma colônia, regime de água, etc.

Quemada com água a ferver

No dia 19 de Junho de 1920, o Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais, que presidiu o dr. José Luis Ribeiro, aprovou-se o relatório, e contas da gerência 1918-1920, que não se presentes aos conselhos Superiores de Finanças e Fiscal. Aprovou-se o artigo principal relatório da manutenção das obrigações do conceito da Guarda, que se considera concordado, pois a sua caixa econômica, que representa um alto benefício do exercício do seguro obrigatório, contribuiu com dez contos para o corre de seguros de doença e invalidez, seguros industriais, etc. Francisco Gato, apresentou os meios estatutários do exército da sociedade, que se verifica no capitulo seguros, no Fim do 10º, atingem a totalidade de 2.600.000\$00. O ramo vida, oferece também resultados muito bons, com 500.000\$00, das sociedades portuguesas, atingiram 17.463.500\$00, muito superior ao excedente das suas caixas estrangeiras, que é de 15.000.000\$00.

O Conselho ocupou-se por fim do plano de construção da colônia agrícola da Alvor Fossos, destinado a pupilos de assistência, sendo apresentado pelo dr. sr. Augusto Barreto os projectos de construção a fazer na mesma colônia, regime de água, etc.

A BATALHA

A BATALHA

TEATRO
DE
S. CARLOS
Telefone 5063
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, às 9 1/2 da noite

ENTRE GESTAS

Peça regionalista, original de
CARLOS SELVAGEM

Principais papéis por
Amélia Rey-Colaco
António Pinheiro
e Robles Monteiro

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Mobiliária—Conselho Federa-

—Em sua reunião ontem efectuada foi nomeado para o novo delegado do Sindicato António Marreca Ferreira.

Aprendendo um ofício dos delegados desta

Federação, junto dos operários Mobiliários de Gran, para a constituição do Sindicato naquela localidade, foi resolvido que a Federação edite um manifesto dirigido aos referidos operários, no sentido de se organi-

zarem para a luta contra a incumprida

dever de nortear os trabalhos e a

resposta da organização.

O Conselho ocupou-se largamente da crise

que se está desenvolvendo na indústria

de armazéns, resolvendo a reunião

que se realizou para a apresentar um parecer

sobre este assunto.

Conselho de Obras de Construção Civil

—A comissão executiva da

Comissão Profissional dos Conteiros e Po-

rtadores de Marmar — Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Conteiros e Po-

rtadores — Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-

hou a nomeação feita por este comissão

do Conselho Unico da Construção Civil.

Comissão de Construção Civil

—Reunião da comissão

que nomeou para os cargos de

Antônio Carvalho e José dos Reis Sanches. Sanc-